

Uma bibliotecária escolar no século XXI

Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação
***O livro para infância: textos, imagens e materialidades*, de**
FACON - A Casa Tombada

Orientanda: Gládis Maria Schmidt

Orientadora: Cristiana Rogerio

São Paulo
Setembro de 2019

Uma bibliotecária escolar no século XXI

“[...] a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não pode haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]

Antonio Candido

Introdução

O presente ensaio pretende refletir sobre o lugar das bibliotecas escolares e da leitura, num momento em que muitas instituições, públicas e particulares, duvidam do ensino contemporâneo. Para alguns críticos da área da educação, as instituições de ensino possuem currículos e metodologias que não mais atendem as novas gerações; consideram que as escolas atuam em espaços físicos ultrapassados, que as salas de aula possuem a mesma configuração do século XIX (disposição das carteiras uma atrás da outra), que os professores que apresentam formação acadêmica do século XX, por sua vez, possuem a missão de ensinar a alunos do século XXI.

Os nativos digitais, ou os alunos *zapping*, conforme Harari (2015, p.38), são seres capazes de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, são seres conectados as novas tecnologias de comunicação, possuem acesso fácil a uma infinita gama de informações e, não estão mais dispostos a aceitar o professor como fonte única de conhecimento. Para eles, assistir aulas convencionais, em salas igualmente convencionais é tarefa entediante. Por isso, a disciplina formal para aprender não é eficiente em seu mundo. Em sintonia com esta mudança, o Professor de Filosofia da Educação, Jorge Larrosa, refere que “a biblioteca está desaparecendo como lugar de estudo e como lugar de leitura” (FRESQUET, 2017). Para ilustrar sintomaticamente esta mudança, relata, surpreso, que em um seminário sobre bibliotecas, os profissionais da área apresentavam seus projetos e atividades

sem uma só imagem de alguém lendo; as bibliotecas eram exibidas, quase única e exclusivamente como palcos de eventos.

Em resposta às mudanças tecnológicas, novas políticas e inovações pedagógicas e estruturais têm sido sugeridas pelas chamadas escolas visionárias. Segundo esta visão, os gestores deste novo modelo de organização escolar precisam estar atentos à criação de novos currículos e novos espaços físicos, capazes de dialogar com metodologias inovadoras de ensino que, por sua vez, sejam capazes de incorporar novas mídias e proporcionar a conexão global. Toda essa escalada para a modernização se traduz na forma de escolas sem paredes, com configurações físicas nomeadas de *maker*, com metodologias baseadas em projetos, ativas, *stem* e com os olhos voltados para as *startups*. A inovação pedagógica aqui, no sentido preconizado, propõe que as ações educativas sejam de tal forma ricas, flexíveis e “atuais”.

Quando se discute a necessidade de inovar em sala de aula para desenvolver com os estudantes as habilidades que eles vão precisar no futuro, a biblioteca é negligenciada em favor da *inovação*. O destaque nas propostas pedagógicas é para o aparato tecnológico, não o cuidado com a leitura, com o livro e com a pesquisa escolar. Inerente a esta mudança, cabe perguntar-se se a competência informacional dos alunos é adequada. Será mesmo, que essa geração, sabe se utilizar das novas mídias de forma apropriada? Qual a qualidade de análise e leitura para realização de suas tarefas?

Bibliotecas, assim como a educação em geral, precisam acompanhar as mudanças de hábito e comportamentos da sociedade. Pessoalmente, ao longo destes 11 anos de trabalho numa biblioteca escolar, tenho constatado que seus usuários -professores, funcionários, pais e, principalmente, alunos- tornam-se mais críticos, livres e independentes. Nas linhas a seguir, vou relatar como reformulamos a biblioteca atual a partir do espaço como estava em 2008. Depois, relato como é a rotina atual da biblioteca e, por último, coloco uma reflexão sobre a dificuldade dos usuários em alcançar uma formação profunda e crítica numa escola desprovida do modelo de biblioteca descrita.

Relato de experiência: recriação de uma biblioteca escolar

Minha experiência profissional com biblioteca escolar se iniciou no ano de 2008, quando comecei a trabalhar numa instituição particular, e onde hoje continuo atuando como coordenadora. Antes disso, minha experiência, como bibliotecária, estava toda pautada em bibliotecas universitárias e no arquivo bilíngue do Instituto Martius Staden.

O que segue é um relato apaixonado que aponta situações, ora cômicas, ora de superação e satisfação profissional voltadas para a formação do aluno livre e autônomo. Este detalhamento mira a apresentar o quanto uma biblioteca está envolta por inúmeros processos e atividades das instituições, e o quanto, por outro lado ainda são pouco compreendidas e consideradas as bibliotecas em sua totalidade.

Em fevereiro de 2008, após uma semana no novo local de trabalho, constatei inúmeros problemas na biblioteca: um acervo de ca. de 70 mil obras catalogadas de forma caótica, sob uma espécie de ordem medieval, na qual os livros, no momento da chegada, recebiam um número sequencial. Não existia a possibilidade de busca por assunto, autor ou título, porque não havia nenhuma classificação ordenada. As obras estavam imundas, sem higienização, os usuários não tinham acesso direto do usuário às estantes, a localização do acervo era péssima, ficava no piso superior da instituição, chegar a biblioteca exigia muito esforço, para emprestar um livro era necessário passar por uma maratona. E, para finalizar o réquiem das dificuldades, os funcionários estavam desmotivados, com relacionamento desgastado; grassavam maus entendimentos, desavenças e desafetos. Os três funcionários que davam conta do acervo eram divididos em três turnos e tinham de atender um contingente de quase 2300 alunos.

Então, após uma noite sem dormir, redigi um plano de ação que incluía ações que a serem executadas em curto, médio e longo prazo. A primeira decisão, contudo, era a criação de um acervo aberto, que possibilitasse total acessibilidade aos livros. Com certeza, estava disposta a trabalhar, mais havia um, porém de ordem pessoal a ser resolvido, eu era absolutamente ignorante quanto ao significado e funcionamento de uma biblioteca infantil/escolar. Assim, iniciei pesquisas e estudos a respeito. Li todos os textos, artigos e livros ao meu alcance sobre o assunto, visitei meus pares e várias bibliotecas escolares.

Em dois anos consegui aumentar o efetivo. Duas colaboradoras foram contratadas, além de uma estagiária de biblioteconomia e uma atendente bibliotecária (mais tarde estas profissionais foram reconhecidas como bibliotecárias júnior). Treinei a nova equipe, criei uma política de desenvolvimento de coleções, outra de aquisição e descarte de materiais, e elaborei um regulamento

sobre uso de nossos serviços e produtos junto à comunidade. Nos meses iniciais de trabalho, começamos a rastrear as principais temáticas de trabalho dos professores e interesses dos alunos. Também observamos os usuários, anotamos todos os dados em fichas internas e, muito importante, também estudamos o currículo escolar e nos “infiltramos” em reuniões do conselho diretivo e pedagógico da instituição. A biblioteca logo foi inserida na grade curricular. Até hoje recebemos a visita semanal de todas as turmas, do Infantil ao Fundamental I. Entendendo um pouco mais a biblioteca escolar, requisitei a formação de duas contadoras de história.

Vasculhando os recônditos do colégio, descobri muitos materiais históricos raros: fotografias de 1800, anuários antigos, manuscritos, obras dos séculos, 16-17-18, dentre outras relíquias. Em 2010, iniciei a criação de um Memorial Histórico, mas essa é outra história.

O problema da higienização foi resolvido no terceiro ano de trabalho. Observei que uma das faxineiras, que cuidava da limpeza do setor, poderia contribuir para a conservação do acervo. Assim, realizou um curso de higienização e pequenos reparos junto a ABER (Associação Brasileira de Encadernação e Pequenos Reparos) e compramos uma mesa higienizadora. Desta forma, garantimos a limpeza anual do acervo e, ainda aproveitamos o chamativo equipamento para ensinar às crianças sobre o cuidado com os livros.

Mas nenhum desafio foi tão impactante como a criação e a mudança de espaço físico. Afinal de contas, intencionávamos criar uma biblioteca que se pretendia moderna. Sabendo que o objetivo principal de uma biblioteca escolar deve ser o de proporcionar ambiente que permita desenvolver nos alunos competências de aprendizagem, deve servir como esteio pedagógico para os professores, mas também e sobretudo, em última instância, deve funcionar como ambiente indispensável para criação de cidadãos críticos e seguros. E como também existe público infantil, o espaço precisa igualmente ser lúdico, agradável e deve servir de estímulo para imaginação.

Para planejar uma biblioteca com tantas qualidades, o Colégio propiciou o trabalho conjunto de dois profissionais: a bibliotecária e a arquiteta. Engajadas na criação de um espaço harmonioso, tanto do ponto de vista funcional como pedagógico, a arquiteta Fernanda D’Agostini e eu dialogamos durante todo processo de criação, vendo a ergonomia, a funcionalidade, a circulação, o bem-estar e a harmonia geral da construção desse novo espaço. A nova biblioteca foi ganizada em 3 espaços principais, cada um em um andar e cada andar voltado para atender alunos de segmentos distitnos. O andar inferior recebe alunos do Maternal e todo Fundamental I. Este andar consta de uma sala principal com estantes da estatura média dos alunos, nele encontram ainda carteiras e cadeiras pequenas coloridas, puffes e uma lousa, que é utilizada pelos alunos para brincar, estudar,

assim como os brinquedos, massinhas e jogos. Existem aí também 5 computadores com jogos pedagógicos e com acesso à internet. Esta biblioteca possui ainda lugar denominado *Primeiras Letrinhas*, composta por livros cartonados, de pano, com cheiro, livros brinquedo, obras especiais para o público mirim do maternal e pré. *A Floresta Encantada, muito utilizada*, é o local para roda de leitores, conversas com visitantes, contação de histórias, trata-se de um anfiteatro.

No piso superior, temos espaço jovem, com mezanino e teto de vidro. Nesta biblioteca atendemos o restante dos públicos, 6º Ano ao Médio, bem como todos os demais usuários, professores, ex-alunos, pais, funcionários e comunidade externa. O último piso foi reservado para guarda de material especial e raro, nele está localizada a mesa de higienização de livros.

A criação de uma classificação que desse autonomia ao usuário e liberdade para escolher os livros por si só, através do catálogo e de sinalização criativa, foi outro desafio. Este projeto trouxe vários frutos positivos. A biblioteca se tornou uma das bibliotecas “Vitrine” de São Paulo, nome conferido pela CRB8 de Biblioteconomia.

Com a abertura e inovação da biblioteca vieram também os trabalhos de parceria entre professores, bibliotecários e coordenadores. Juntos, realizamos muitos projetos. Aponto alguns deles a seguir:

- *Noite na biblioteca.* Atividade voltada para despertar o afeto pela biblioteca. No final de ano, 23 alunos do integral, de 10-13 anos de idade, realizam uma bateria de atividades de relaxamento, convivência. Todos trouxeram seus sacos de dormir, ouviram contação de histórias de terror, assistiram a um filme e, para terminar a noite, fizeram uma passeio com lanternas entre as estantes da biblioteca. Para esta atividade três funcionários do setor se juntaram à professora para auxílio mútuo.
- *Como se leem os livros-imagem?* Pensado para os alunos do 1º ano, com o objetivo de mostrar as diversas maneiras de se ler e explorar um livro. A bibliotecária contou histórias para as crianças baseadas na interpretação das imagens de livros sem texto. Depois, as crianças contaram outras histórias para seus colegas a partir de outros livros-imagem. Alunos compreenderam que o livro físico e sua materialidade também faz parte da narrativa.
- *Encontro entre professores e a bibliotecárias.* Evento criado para mostrar os recurso da biblioteca e coordenar ações para, juntos, construir o conhecimento individual e coletivo.

- *História do jornal.* A Biblioteca e a Direção de Segmento, maternal até o 5º Ano, criaram esta atividade para 1300 alunos. Através dele, as crianças conhecerem os jornais - impresso e digital, infantil e adulto, dos que a biblioteca é assinante. Foi abordada a história do jornal, sua produção, sua estrutura e o perfil de cada um, incluindo O Estado de São Paulo, A Folha de S. Paulo e o Joca. A plataforma digital também foi comparada à impressa.
- Conversas com autores e ilustradores. Alunos do Pré II (período manhã e tarde) receberam no espaço "Floresta Encantada", da biblioteca, o Lalau, autor do livro *Brasileirinhos* do autor e a ilustradora de livros infantis Laurabeatriz. O Lalau conversava com as crianças e declamava poesias ao tempo que Laurabeatriz desenhava. Deste encontro saíram duas lindas ilustrações, que permanecem na biblioteca, e as crianças levaram consigo a experiência da poesia declamada.
- *Feira de livros.* O evento, de uma semana de duração, é pensado para crianças, seus pais os e funcionários. Além de exposição de livros, as crianças declamaram poesias e cantaram, explorando suas habilidades artísticas. A programação incluiu show de Palavra Cantada, e conversa dos escritores Cesar Obeid e Laurentino Gomes.
- *Mostra de livros.* Evento anual de dois dias de duração, tem por objetivo propiciar o contato da comunidade educativa com as novidades editoriais de 45 editoras para auxiliar na seleção de livros a serem adotados.
- Visitas orientadas. Evento anual para todos os alunos do Fundamental I, 6º Anos, 1 anos do Ensino Médio. O objetivo é apresentar a biblioteca e sua história, seus recursos, suas possibilidades, incluindo o uso da Base de dados, aprender a fazer renovações e reservas online de livros.
- *Projeto eu amo.* O projeto, de um semestre de duração, teve como objetivo estudar em que consiste ser escritor de livros, uma editora, um bibliotecário e um ilustrador. Com o apoio da biblioteca digital e da coleção *Eu Amo*, da editora Callis. Como trabalho final, os alunos fizeram o seu próprio livro.
- *Troca de livros usados.* Com o objetivo de ampliar o universo de leitores de livros usados, e de tomar consciência de que há leitores que não podem comprar livros, 172 alunos do Integral intercambiaram livros próprios entre eles ou os doaram a uma crêche que visitaram.

- *Sacola do Integral*. Em comemoração dos 10 anos do Integral, todas as turmas receberam uma sacola de pano com o logo da Escola, destinada ao transporte e proteção de livros. Na biblioteca, cada criança aplicou seu veio artístico para decorar a sacola e poder distingui-las das outras.
- *Projetos de pesquisa escolar*. (1) Relatos de curiosidades. Atividade pensada em conjunto com professores, para os alunos do Fundamental. Os alunos tenham de encontrar sozinhos as informações de que precisarem na biblioteca infantil, que foi planejada para cumprir essa missão em diversos suportes, tipos de fontes de informação (enciclopédia, almanaque etc.). (2) Trabalho do ciências. Com o objetivo de instrumentalizar os alunos do 5 ano para a seleção criteriosa de fontes para responder uma pergunta científica. Encontradas essas informações, o aluno as apresenta aos seus colegas, incluindo a as referências consultadas.
- *Concurso de marcadores de página*. Em comemoração aos 70 anos do ensino noturno, os alunos foram convidados a participar do Concurso de Criação de Marcadores de Páginas. Depois, os marcadores foram expostos na biblioteca, julgados por um júri de professores e os melhores foram premiados com livros doados pela biblioteca e seus marcadores divulgados na revista Pilotis.
- *Sarau literário*. Proposto pelos menores aprendizes da biblioteca, o sarau é um encontro mensal para discutir literatura, música, cultura em geral. Em parceria com professora de literatura, o sarau era de participação era aberta a todos alunos, professores e funcionários. Houve muita troca de experiências sobre livros e leituras e também sobre arte em geral. Alunos traziam suas próprias poesias para declamar, ou violão e teclado, ou faziam teatro ou debatiam livros e cinema.
- *Visitas guiadas: alunos da FESP*. A Fundação Escola de Sociedade e Política de São Paulo - FESP por anos trouxe turmas do 1º semestre de Biblioteconomia para estudo de caso de uma Biblioteca Escolar. Estes futuros profissionais observaram a Biblioteca, ouviram um pouco sobre a história do Colégio, a formação, classificação e todo sistema de gerenciamento dos diversos setores da biblioteca.
- *Ajude a construir o acervo*. O projeto que visou o entendimento da função da resenha e da indicação de obra para aquisição. Os alunos foram levados a desenvolver habilidades tecnológicas e a conhecer de forma detalhada o proceso de mercado dos livros. Crianças do 4º Ano buscaram em catálogos impressos de editoras livros do seu gosto. Neste manuseio

inicial, observaram as resenhas, viram as capas das obras, notaram as divisões e subdivisões por temáticas, idade etc. Repetiram a busca, agora no catálogo online da biblioteca. Feitos os levantamentos investigativos, levaram para sala de aula dados e os analisaram em grupo e decidiram quais livros gostariam que a biblioteca adquirisse. A biblioteca comprou as obras, avisou os alunos e hoje eles disputam esses livros.

Por ano, realizamos em média 32 mil empréstimos. Criamos uma biblioteca viva e frequentada, com facilidade para a locomoção livre e o deleite das crianças na busca e leitura de seus livros. Pensando ainda nas possibilidades de interação da biblioteca com inúmeras atividades escolares, professores e bibliotecários se uniram na realização de uma atividade para despertar a curiosidade e a vontade de leitura.

Para efetuar aquisições e gerar um acervo plural e qualitativo foi necessário também conhecer melhor vasto mercado de livros didáticos e paradidáticos. Desta forma, começamos a receber e dialogar com muitos divulgadores de editoras grandes e com muita curiosidade, igualmente, com editoras de menor porte, nas quais encontramos muitos tesouros impressos. Aprendemos a analisar catálogos, seguir indicações dos melhores livros infantis de bienais, feiras, premiações, tentando sempre ter um olhar voltado para formação um acervo de extensa pluralidade e diversidade.

Embora, seja um capítulo à parte, é interessante acrescentar que a Cia. de Jesus, a partir de 2014, optou pela criação de uma rede de bibliotecas. Desde de então, trabalhamos 13 unidades de 4 Estados diferentes, numa mesma base de dados digital. Este fato demandou muito trabalho e energia no sentido de criação de documentos para trabalhos sinérgicos e padronizados.

Um dia qualquer na biblioteca

As bibliotecas abrem as portas às 7 horas. Os dois funcionários estão apostos. Começam a chegar usuários do Fundamental II e Médio. Em uma das unidades do setor, estão todos muito agitados, falam muito e ao mesmo tempo porque é dia de prova. Alguns alunos que estudam em grupo, são direcionados para salas específicas, outros preferem algum canto em que possam estar em silêncio para se concentrar e rever a matéria. Alguns pais aproveitam para ler as manchetes do jornal, ou para ler um artigo de alguma de revista.

Na biblioteca do Infantil, por sua vez, chega a primeira turma do dia para devolução de livros e para atividade da roda de leitura. Nesta mesma manhã, está prevista a vinda de outras três turmas, todas elas de segmentos diferentes; uns virão para empréstimos, devoluções e renovações, outros para ler o Jornal Joca, outros para alguma pesquisa. À tarde, crianças do 5º Ano virão à Floresta Encantada para ouvir um conto de terror: Maria Angula, que será contada por dois funcionários do setor.

No intervalo, três alunos do ensino médio deixam um bilhete para a bibliotecária, que está reunida com acessores de área, avisando que ela infelizmente não pode vê-los em seus pijamas (dia do pijama do 3º EM). Às 10h chega um pesquisador da PUC para uma consulta ao arquivo da instituição sobre os currículos antigos. No intervalo do Médio e Fundamental II, alguns alunos utilizam os computadores para jogos, outros vem renovar coleções que estão lendo ou retirar outras obras.

No período da tarde, a partir das 15h, ingressam os alunos bolsistas, do ensino noturno para realizar trabalhos. Muitos param no balcão para falar sobre a obra que leram, outros pedem indicações e querem saber algo sobre livros novos dos expositores. No fim do dia, 300 alunos passaram pela biblioteca, 197 livros foram emprestados ou renovados, dois grupos de alunos foram amonestados por comer, beber e gritar numa das salas de estudos. Uma mãe solicitou carteirinha de acesso, porque ficou encantada com a coleção de filosofia. À noitinha, durante seu intervalo, um vigilante senta para ler o HQ, um estudante adormece sobre o livro durante seus estudos. Às 21h fecha-se a biblioteca.

Boa noite, livros.

A formação do bibliotecário

Segundo Silva (1999, p.78) poucos currículos dos cursos de biblioteconomia no país possuem disciplinas direcionadas para as práticas escolares. O profissional, por exemplo, não aprende a ser mediador de leitura ou a ser um contador de histórias durante o curso. Muitas vezes ele próprio não é um bom leitor e possui pouco gosto pela leitura que deve disseminar. Após formado, o bibliotecário precisa se manter atualizado e se tornar multifacetário. Deve aprender a englobar diariamente, administração do setor, normas técnicas, catalogação, controle de aquisições e doações, circulação de material, ordem espacial, além de cultura e conhecimentos gerais. Sua segurança de saberes e espaço de trabalho, nunca são seus, mas exigem adaptação as várias turmas, faixas etárias,

linguagens e o conhecimento da grade curricular de cada segmento e, sobretudo deve estar inteirado sobre as inovações eminentes.

Esta mediação pode se dar através dos professores (manter eles atualizados através das significativas atualidades bibliográficas) ou diretamente com o aluno via contação de histórias (recursos). Ela ocorre também no ato da escolha de aquisição das obras. Ou pela simples, pero nem tanto, visibilidade, acessibilidade proporcionados via própria estrutura arquitetônica, ou expositiva.

Muitas vezes, contudo a falta de reconhecimento do profissional bibliotecário, na instituição, faz com este perca a autoconfiança. Não estar integrado no planejamento pedagógico, pode levá-lo à apatia. Ninguém pode ser criativo e proativo se não for considerado. Em contrapartida, criar bibliotecas modernas, aconchegantes e equipadas com as melhores e novas mídias sem que haja programação, com o profissional da área, de uso desses recursos, não garante que o local seja educativo.

Sem biblioteca, sem liberdade

A inovação pedagógica atual envolve tecnologizar a educação mediante o acesso à informação contida em suportes digitais. Colégios de prestígio, tradicionais ou estrangeiros, estão competindo por destacar-se nesse empreendimento inovador. As bibliotecas destes colégios deixaram de existir ou reduziram sua superfície, seu acervo bibliográfico material se tornou menor e, hoje, seu uso lembra mais uma cafeteria ou centro de convivência do que um espaço de contato com o livro e encontro íntimo com a leitura e a pesquisa. As propostas inovadoras contemplam sim, a leitura, principalmente em telas de computadores e *laptops*, de textos disponíveis *on-line*, não necessariamente na biblioteca. A leitura pode acontecer na sala de aula, em casa ou em qualquer outro lugar que tiver conexão com internet.

As atividades desenvolvidas pelos usuários em contato com o acervo material da biblioteca, que foram mencionadas nos capítulos anteriores, não mais têm lugar nas bibliotecas inovadoras. O usuário, o aluno, vai diretamente à tela do computador. Esta modernidade tem numerosas vantagens: é mais econômica, não há que comprar livros que depois de poucos anos se tornam obsoletos, não se consomem recursos naturais em produzir papel e tintas, o compartilhamento da informação é imediato e massivo.

Entretanto, não há nenhum estudo que demonstre que este tipo de ensino inovador seja melhor para a aprendizagem. Currículos tão modernos ainda não foram testados e comprovados, por

isso a informação on-line e a informação visual devem vir depois da iniciação à leitura através dos impressos. Conforme Wolf (2019, p. 17), uma imersão diária e massiva, preferencialmente baseada no mundo digital, poderá vir a impedir a formação dos processos cognitivos mais demorados dos alunos, como o pensamento crítico, a reflexão pessoal, a imaginação e a empatia, que só podem emergir através da leitura profunda.

Os livros e as bibliotecas são resposta contra um mundo carregado de estímulos digitais, contra a atrofia gradual da capacidade reflexiva. Para Wolf (2019, p. 76), ler é, sobretudo um ato político; ler em profundidade e a formação cuidadosa do raciocínio crítico é a melhor maneira de vacinar a próxima geração contra a informação manipuladora e superficial, seja em impressos ou telas.

O que se perde sem bibliotecas e livros impressos? Eu diria que muito. Conforme, Ulin (APUD, WOLF p. 221) ler é contemplação, um ato de resistência num panorama de distração. Para ler, precisamos de um certo tipo de silêncio, que é cada vez mais difícil de encontrar devido aos excessos de distração. Excesso de informação, que de maneira alguma significam conhecimento, pode nos causar a ilusão de que a velocidade pode nos transformar em pessoas iluminadas e que reagir é mais importante do que pensar a fundo.

A forte frase de Kakutani (2018, p.43) “a ignorância está na moda” fez surgir outro grande questionamento: como falar de educação e do saber da experiência, da infância, em época histórica como a que vivemos? Creio que justamente neste contexto Larrosa (2002, p.136) pode nos ajudar a enxergar novas perspectivas educacionais quando propõe que devemos ‘pensar a educação a partir do par experiência/sentido’. Seja na educação, seja na vida, não há possibilidade de sermos, prósperos, virtuosos e muito menos livres sem a verdade. Então se vivemos com excessos de informação, opinião, periodismo, falta de tempo, muito trabalho e somos sujeitos incapazes de experiências, a dica de nosso mestre é desacelerar. Precisamos de silêncio e da possibilidade da memória. Ainda, conforme seu modo de ver o mundo, precisamos saber nos expor, experimentar, sofrer, tombar e saber nos transformar. Assim, talvez possamos chegar a consciência e serenidade em aceitar que a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade.

É um caminho novo e desconhecido para os *millenials* e, justamente por isso, a opção da experiência é que pode trazer o que a educação de fato precisa, que é a eleição de garantir que as novas gerações compreendam e contribuam para o aperfeiçoamento da sociedade. A experiência as tornará capazes e discernir os desafios do mundo que se desenha. Nesse cenário de descaso pelos fatos, da substituição da razão pela emoção e da corrosão da linguagem — que diminuem o próprio

valor da verdade e da palavra —, a educação, mais do que nunca precisa se voltar para a contemplação. Segue a chave para tanto, dada por nosso filósofo visionário:

“Tudo que pensamos e exercitamos, nos (re)formou. Aprendemos, e é exercício contínuo, a olhar mais devagar, a pensar mais devagar, a sentir mais devagar. Aprendemos a suspender o juízo e a opinião, a cultivar a atenção e a delicadeza. A escutar. A dar-se tempo e espaço. O que importa, creio, é o que fomos, enquanto éramos”. (LARROSA, 2016, p. 74)

Em defesa da biblioteca escolar

A leitura deveria atravessar todos os espaços sociais e institucionais, sendo a escola uma entre eles. Contudo, a maioria das escolas ainda não situam o cultivo do livro e da leitura no centro da educação. As bibliotecas escolares, em muitos casos possibilitam acesso mínimo a materiais e suportes variados de leitura. É uma iniciação precária à leitura, não obstante, ainda existem muitas instituições sem bibliotecas e bibliotecários. Falta, sem dúvida, o mais difícil: redefinir as bibliotecas escolares como espaços de encontro e diálogo, de produção de pensamento e consistência nas vidas que as habitam.

É importante pontuar que de forma alguma tenho objeção ao uso da tecnologia. De fato, sempre que apropriado, encaminho ao usuário para informação em suporte digital. Todavia, parece que, como não há tradição, entre educadores, gestores e bibliotecários, de pensar a biblioteca como centro informacional de competência, salta-se para a modernidade da tecnologia sem livros como solução para o ensino eficiente.

Além de uma vontade política, que volte os olhos e verbas para o incentivo à leitura no Brasil, também há necessidade de maior diálogo e ação entre os agentes da educação, professores e bibliotecários. Ademais os diretores das escolas teriam de fazer sua parte reconhecendo os profissionais da área e investindo no setor, mas foram seduzidos pelo mercado educativo.

E, enquanto isso, os livros continuam sendo criados, entretanto muitos estudantes da sociedade da pós-verdade, se formam sem usufruírem da verdadeira riqueza que as estantes de uma biblioteca podem oferecer.

Nas linhas acima, tenho tentado mostrar que a biblioteca escolar pode ir além do que o senso comum considera que tem como função. A biblioteca é um lugar de encontro e mediação com o saber. Um lugar reservado para propiciar a experiência individual, e também um lugar de encontro

com o outro e com o conhecimento. É o caminho que descobri e preparei para facilitar ao aluno se realizar como cidadão, ser empático com o outro, profundo no conhecimento e livre no pensamento.

Agradecimentos

À minha orientadora, Cristiana Rogerio, pela sua dedicação e orientação.

Aos queridos Giuliano Tierno e a Maria José Nóbrega, pelas críticas construtivas a uma versão prévia deste trabalho.

Ao Fernando por todo carinho.

A Gutenberg, pela invenção da imprensa de tipos móveis.

Agradeço também à A Casa Tombada, pela acolhida e por criar um tempo de reflexão e experiência.

Referências bibliográficas e fontes consultadas

- FRESQUET, Adriana. Abecedário de educação com Jorge Larrosa Bondié. CINEAD LECAN. Youtube. 10 jul. 2017. 1h 10min 26s. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=5FtY1psRoS4>>. Acesso em 06 mar. 2019.
- HARARI, Yuval Noah. Uma breve história da humanidade – Sapiens. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- KAKUTANI, Michiko. A morte da verdade. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- LARROSA, J. Elogio da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LARROSA, J. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MACHADO, Ana Maria Netto. Toc! Toc! Toc! Eu quero entrar!: conhecimento e reconhecimento de egressos do stricto sensu e transformação social. - Florianópolis: DIOESC, 2012.
- MILANESI, Luís A. O que é biblioteca escolar. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PETIT, M. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: 34, 2008. 192p
- SIBILIA, Paula. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SILVA, Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil: análise da Lei 12.244/10 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares. Disponível em: <<https://revista.acbsec.org.br/racb/article/view/797>. > Acessado em: 11/10/2017.
- WOLF, Maryanne. O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.
- ZAID, Gabriel. Livros demais!: sobre, ler escrever e publicar. São Paulo: Summus, 2004.